

A POLÊMICA RELAÇÃO INDIVÍDUO E SOCIEDADE: AS ABORDAGENS TEÓRICAS DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO E DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Tabata Larissa Soldan¹
José Miguel Rasia²

RESUMO

Procuramos expor, a partir de revisão bibliográfica, algumas das principais contribuições teóricas de George Mead, Anselm Strauss e Serge Moscovici acerca da relação indivíduo-sociedade, objetivando compreender esta relação a partir das articulações possíveis entre as duas abordagens citadas. Partimos da hipótese que indivíduo e sociedade são compreendidos por essas concepções teóricas a partir das experiências compartilhadas nos processos de interação. Nos três os processos de produção do significado e das representações são processos sociais que envolvem sempre o eu e o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Interacionismo simbólico. Representações Sociais. Relação indivíduo e Sociedade.

ABSTRACT

We seek to demonstrate, from literature review, some of the main theoretical contributions of George Mead, Anselm Strauss and Serge Moscovici about the relation between individual and society in order to understand it from the possible links between the two mentioned approaches. We start from the hypothesis that individual and society are understood by these theoretical conceptions from shared experiences in interaction processes. In all three of them, the process of meaning production and representations are social processes that always involve the *self* and the other.

KEYWORDS: Symbolic Interactionism. Social Representations. Relation between individual and society.

INTRODUÇÃO

O interacionismo simbólico hoje é considerado uma abordagem teórica da sociologia, que como tal possui princípios teóricos e metodológicos específicos. Essa “nova postura explicativa da vida social” (MARTINS, 2013, p.2), que se consolida no final dos anos de 1930, é explorada por Carlos Benedito Martins

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação de Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná.

2 Professor Titular em Sociologia na Universidade Federal do Paraná e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR.

(2013), que nos mostra em seu texto: “O legado do Departamento de Sociologia de Chicago (1920-1930) na constituição do interacionismo simbólico”, que essa nova perspectiva teve suas bases desenvolvidas dentro do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago nos anos de 1920, a partir de trabalhos de autores como: William Thomas, docente vinculado diretamente ao Departamento de Sociologia; George Herbert Mead e John Dewey (estes dois ligados ao Departamento de Filosofia da Universidade de Chicago, mas cujas contribuições foram incorporadas ao programa de sociologia); e Charles Cooley, docente da Universidade de Michigan, que segundo Charles Morris (1953), era amigo muito próximo de Mead, pois lecionaram juntos na Universidade de Michigan. Sem a pretensão de criar uma nova escola de pensamento, estes e outros autores não citados aqui em suas produções analisavam a problemática indivíduo e sociedade a partir de um novo viés.

Martins (2013) esclarece que a perspectiva dominante entre os pesquisadores estadunidenses dos anos 20 era a individualista, ou seja, consideravam o comportamento humano como um reflexo bio-psíquico quase automático ao ambiente exterior, sendo a sociedade o resultado da reunião desses indivíduos. Ao deter-se na análise dos trabalhos realizados pela primeira geração da Escola de Chicago, Martins (2013) nos mostra o quanto esses autores inverteram essa perspectiva, consideravam o indivíduo como um ser criativo, reflexivo, interpretativo e em interação com o ambiente social em que este se encontra inserido.

Mead e Dewey eram filósofos da Universidade de Chicago e faziam parte de uma mesma escola de pensamento: o pragmatismo, que segundo Martins (2013), influenciou e foi incorporado às contribuições teóricas realizadas dentro do Departamento de Sociologia de Chicago. De acordo com Morris (1953), a tarefa do pragmatismo da época de Mead era o de “reinterpretar os conceitos de *espírito* e *inteligência* nos termos biológicos, psicológicos e sociológicos, que destacaram as correntes de pensamento pós-darwinistas” (MORRIS, 1953, p.24, tradução nossa). Diante dessa influência, produto da interação que existia entre o departamento e os filósofos, os pesquisadores da sociologia de Chicago buscavam articular em seus estudos teoria e prática. Desse modo, percebe-se o quanto esses dois intelectuais foram importantes para consolidação da sociologia de Chicago e portanto, como interpreta Martins (2013), para a construção das bases do interacionismo simbólico.

Sendo assim, a primeira seção deste artigo se dedicará a explorar algumas das principais contribuições teóricas de Mead presentes no livro “Mind, Self and Society”. Na segunda, nos deteremos a alguns dos principais pontos do trabalho da obra “Espelhos e Máscaras” de Anselm Strauss, autor considerado um dos principais interacionistas simbólicos da Escola de Chicago.

Ao focar a atenção nas análises dos interacionistas simbólicos percebemos três pontos que perpassam o desenvolvimento teórico dos autores: 1) a interação; 2) o problema de como os homens se agrupam e como estes agem simbolicamente nesses agrupamentos; e 3) a comunicação entre indivíduo e sociedade.

De modo semelhante, ao analisar a contribuição teórica de Serge Moscovici, pai da teoria das representações sociais, percebemos que este fala: 1) em interação; 2) linguagem e comunicação; e 3) do simbólico. Ao que parece tanto os primeiros quanto o segundo estão falando em indivíduos em interação que atribuem sentido à realidade. Percebemos que eles estão repensando assim as relações existentes entre indivíduo e sociedade. O desafio deste artigo será o de desenvolver uma articulação teórica buscando principalmente as semelhanças existentes entre os desenvolvimentos teóricos dos interacionistas e do psicólogo social teórico das representações sociais.

Por isso, na terceira seção deste artigo focaremos alguns dos principais pontos da teoria das representações sociais de Moscovici. Ao final, buscamos atingir o objetivo de articular as ideias dos três intelectuais, e de comprovar a hipótese de que é possível admitir que de certo modo haja certa proximidade entre as contribuições teóricas do interacionismo simbólico e da teoria das representações sociais.

MEAD E O INTERACIONISMO SIMBÓLICO

Em 1934 é publicado postumamente o célebre livro “Mind, self e society” de George Mead, resultado das anotações dos estudantes do curso de Psicologia Social lecionado na Universidade de Chicago pelo intelectual durante anos. Mead é considerado por muitos a figura central do interacionismo simbólico, e este o livro de principal referência. Abordaremos a partir deste momento algumas das contribuições teóricas do autor contidas nesta obra:

Parece-nos que em linhas bastante gerais o principal objetivo de Mead (1953) era o de romper com a dicotomia indivíduo e sociedade e o de demonstrar que *espírito* e *persona* não consistiam em ser simples reação automática ao meio, mas produtos sociais. Assumindo uma perspectiva psicossocial, ou, se atentando como diria Mead (1953): “ao efeito que o grupo social produz na determinação da experiência e da conduta do membro individual” (MEAD, 1953, p.49, *tradução nossa*), e focando sua atenção na interação social existente entre os indivíduos autoconscientes, que são capazes de internalizar, criar e recriar sentidos e símbolos, é que o autor formula sua teoria da ação social.

Desse modo, a primeira pergunta que se faz pertinente é: como se dá essa autoconsciência na perspectiva psicossocial de Mead?

A autoconsciência para ele somente é possível a partir de uma dada sociedade, ou seja, o indivíduo biológico para desenvolvê-la tem que estar imerso em uma dada lógica social e é por isso que ele considera que é na interação com o outro, nos processos de internalização dos diferentes papéis, e nos de significação e de ressignificação, que a autoconsciência é desenvolvida. Dessa forma parece óbvio que o processo de comunicação seja considerado um dos processos fundamentais para o interacionismo simbólico, pois este (que abrange um vasto código de gestos e palavras mobilizadas por uma dada sociedade) é que nos permite interagir nas mais diversas situações.

De acordo com Morris (1953), o gesto seria “umas das primeiras etapas do ato de um organismo” (MORRIS, 1953, p.27) e um guia para a contemplação desse ato. O conceito de gesto de Mead (1953), segundo Morris (1953), recebeu contribuições de Wilhelm Wundt, psicólogo social que dividia os fenômenos em dois níveis: o fisiológico e o cultural. Partindo do nível mais cultural, e assim propondo uma *Volkerpsychologie*, tinha como seu objeto de estudo os fenômenos coletivos (frutos da associação entre os indivíduos) que consistiam: na “linguagem, na religião, nos costumes, no mito, na mágica e nos fenômenos correlatos” (FARR, 2012, p.31). Acreditamos que seja por isso que Morris (1953) afirma que para Mead (1953) os gestos deviam ser analisados a partir do contexto social onde estes estão sendo operados, internalizados, significados e ressignificados.

Assim, quando se fala em *espírito* e *persona* em termos de George Mead, não se trata de um campo de estímulo e resposta impulsiva, como diriam os behavioristas da época, mas de comunicação entre indivíduo e sociedade. Em

outras palavras, compreendemos que Mead (1953) pressupõe que é na interação, que se dá por meio da linguagem (estabelecida socialmente, sendo o gesto vocal sua principal forma), que há um processo de internalização dos gestos e concomitantemente e posteriormente um processo reflexivo sobre o outro e sobre si mesmo. Ou seja, é nesse processo que se dá a autoconsciência que nada mais é que um efeito significativo do processo de comunicação. Para Mead (1953) é a partir da comunicação que surge o significado, que será internalizado pelo indivíduo e posteriormente ressignificado pelo mesmo, uma ressignificação de si mesmo, do outro e do mundo.

Dessa forma, a transformação do indivíduo biológico para o social se dá em um processo de comunicação onde emergem o *espírito* que é a autoconsciência desenvolvida não automática e que significa, e a *persona* consciente de si e do outro. Ao se tornar consciente de si e do outro a *persona* acaba por adotar as atitudes do *outro generalizado*, ou seja, adota a posição dos diferentes grupos em que está inserida, e é essa adoção do papel do *outro generalizado* que Mead (1953) chama de *mí*. Porém, como Mead (1953) não acredita que o indivíduo é um mero reprodutor das ações, desenvolve o conceito de *yo* para abordar o outro aspecto pertencente à *persona* que é o impulso. Ou seja, Mead (1953) não ignora a característica impulsiva do ser, porém não prioriza essa como priorizavam os behavioristas, mas lhe atribui um papel importante, que é o da mudança da estrutura social.

Portanto, em síntese para Mead (1953) o ato social dinâmico é pré-condição da consciência (*espírito*), que se engendra na experiência social das interações e somente é possível através da linguagem, ou gesto vocal, socialmente convencionalizada. Sendo assim, tendo como seu ponto de partida o social (*sociedad*), Mead (1953) explica que “a conduta de um indivíduo somente pode ser compreendida em termos da conduta de todo grupo social do qual é membro” (MEAD, 1953, p. 54, *tradução nossa*), aparecendo aqui a internalização do outro generalizado (*persona*). Percebemos que Mead (1953) propõe para a psicologia social um *conductismo social*, ou behaviorismo social, em oposição às análises behavioristas comportamentais da época.

STRAUSS E O INTERACIONISMO SIMBÓLICO

Anselm Strauss é considerado um dos grandes nomes do interacionismo simbólico e assim como George Mead também fez parte da Universidade de Chicago, mas como integrante do Departamento de Sociologia. De acordo com Gilberto Velho (1999): “foi um dos principais autores que se identificaram com essa corrente teórica e de investigação” (VELHO, 1999, p.15). Em termos temporais localiza-se entre o que é convencionalmente conhecido como a primeira e a segunda onda da Escola de Chicago. Em suas contribuições teóricas foi bastante influenciado (quase que diretamente) pelas ideias de Mead, além do fato de Strauss ter sido aluno de Herbert Blumer³ que foi discípulo de Mead, o autor confessa na introdução que faz à edição inglesa de seu livro “Espelhos e Máscaras” que na época de seu doutorado se dedicou muito ao estudo das obras do filósofo.

De acordo com o próprio Strauss essa importante obra escrita em 1959, oito anos depois de suceder Blumer dentro da Universidade de Chicago, foi considerada “um produto ‘clássico’ do interacionismo norte-americano” (STRAUSS, 1999, p.21). Assim como percebemos no livro “Mind, Self and Society”, compreendemos que o rompimento da dicotomia indivíduo e sociedade também foi um dos objetivos principais de Strauss (1999) ao escrever “Espelhos e Máscaras”. Velho (1999) afirma que: “um dos seus principais méritos foi o de ter conseguido estabelecer conexões relevantes entre a problemática individual e os processos sociais” (VELHO, 1999, p.11).

Compreendemos através da análise de sua trajetória que Strauss conseguiu construir uma linha de produção interdisciplinar: um sociólogo que se aproximou da psicologia social, da filosofia pragmatista, da história e da antropologia. O próprio autor enquadra seu desenvolvimento teórico dentro de uma teoria da ação nos moldes daquela elaborada por John Dewey e George Mead, focando na interação que gera ações e produz a sociedade. E assim como Mead, concede à linguagem convencional um papel central nesse processo social de interação, que é orientado por normas e regras da sociedade em questão.

A linguagem para Strauss (1999) deve ser encarada enquanto possibilidade de nomeação, ato fundamental na elaboração teórica do autor. A nomeação para Strauss (1999) é “o ato central a toda cognição que o ser humano tem do seu mundo” (STRAUSS, 1999, p.38), ela qualifica, classifica, categoriza, identifica, etc,

3 Blumer é considerado o fundador do Interacionismo Simbólico, embora manifeste que nunca teve esta intenção. Ver a este respeito: Blumer, H. 1969

aspectos essenciais para a construção da identidade individual e coletiva que o autor tem como foco no seu desenvolvimento teórico.

Para Strauss (1999), a nomeação é um processo que se desenvolve dentro de um determinado grupo, cada qual possui seus valores, pontos de vista, perspectivas, classificações e categorias, ou seja, segundo o autor, cada grupo desenvolve sua própria terminologia que é partilhada entre seus membros. Nomear, como foi dito, é classificar e é no processo de interação que classificamos os atos dos outros e os nossos próprios, esta classificação envolve *avaliações conscientes e involuntárias*.

Ao admitir que os seres humanos em processo interacional classificam a si mesmos e aos outros percebemos a semelhança com Mead quando este afirma que é na interação que o indivíduo toma consciência de si e do outro desenvolvendo a *persona* (self).

Para Strauss (1999), o Self não é apenas a “propensão dos seres humanos a julgar seus próprios atos” (STRAUSS, p.50), fazendo a crítica aos intelectuais de sua época, ele é também o julgamento de si mesmo, falando assim na possibilidade do indivíduo ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de análise. Strauss (1999) compreende o *eu* e o *me* como sendo respectivamente o avaliador e o avaliado, esse processo de avaliação e reavaliação, pois toda avaliação está sujeita a reavaliação seja esta feita por aquele que classificou ou não, se dão no interior dos diferentes grupos onde o indivíduo se insere. Para Strauss (1999) os julgamentos são desenvolvidos e compartilhados no interior do grupo através da comunicação entre os membros deste.

Portanto, é na interação (que possui certa estrutura, é datada temporalmente, e que permite os indivíduos a troca), é que se desenvolvem as identidades pessoais e coletivas que estão entrelaçadas e se constituem reciprocamente. De acordo com Strauss (1999), “as interações acontecem entre indivíduos, mas os indivíduos também representam (em termos sociológicos) coletividades diferentes e muitas vezes múltiplas que se estão expressando por meio das interações” (STRAUSS, 1999, p.26).

Desse modo, como afirma Strauss (1999) o termo identidade abre e aprofunda a relação indivíduo e sociedade, admitindo um caráter fluído dessa relação. Para Strauss (1999) apesar de existirem “convenções para forçar as pessoas a ocupar ou aceitar inúmeras posições, embora temporariamente”

(STRAUSS, 1999, p.90), os indivíduos são capazes de moldar as estruturas. De acordo com Strauss (1999) “é útil pensar que a interação é não só estruturada, no sentido de que os participantes representam posições sociais; mas também, ao mesmo tempo, que não é tão estruturada” (STAUSS, 19990, p.84).

Em síntese, compreendemos que para Strauss (1999) os indivíduos (que transitam por diversos grupos, pois o autor considera a afiliação de modo menos estrutural), estão em interação, significando (a partir dos símbolos compartilhados pelos grupos) e nomeando. Desse modo os indivíduos orientam a ação do grupo, as suas ações, a si mesmos, as ações dos outros e aos outros.

Por fazerem parte de diferentes grupos ao mesmo tempo e estarem em constante interação (que por vezes é conflituosa) os indivíduos assumem diferentes papéis, máscaras e representam. Conscientes constroem e reconstroem suas identidades, pautando-se nos símbolos construídos e mobilizados dentro dos diversos grupos dos quais fazem parte, demonstrando assim o caráter coletivo da identidade e permanente da socialização.

MOSCOVICI E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Serge Moscovici é considerado o pai da teoria das representações sociais, partindo das contribuições teóricas de Durkheim sobre as representações coletivas propõe estudar essas representações a partir de uma perspectiva psicossocial. Assim como os autores vistos acima Moscovici vai se contrapor a corrente individualista vigente da época e propor como afirma Farr (2012): “uma forma sociológica de psicologia social” (FARR, 2012, p.27).

A teoria das representações sociais foi pela primeira vez fundamentada por Moscovici no livro: “A Psicanálise, sua imagem, seu público”, que teve sua primeira edição publicada na França no ano de 1961. Resultado de sua pesquisa sobre as representações sociais da psicanálise tinha por objetivo “redefinir os problemas e os conceitos da psicologia social a partir desse fenômeno, insistindo sobre sua função simbólica e seu poder de construção social” (MOSCOVICI, 2012, p.16).

Em suas primeiras concepções teóricas sobre o tema Moscovici (2012) afirma que a representação social é um tipo de conhecimento, não o científico, mas um conhecimento que é produzido por meio da interação entre os indivíduos em um contexto social específico. Apesar desse outro tipo de conhecimento ser muitas

vezes produzido a partir dos saberes científicos não o considera mera distorção desses saberes, mas um conhecimento criador que reelabora estes a partir das necessidades do grupo em questão.

De acordo com Moscovici (2012), os homens tornam a realidade inteligível a partir das representações sociais, e é também a partir dessas que eles se agrupam, levando em conta que “cada grupo possui um universo de opinião particular” (MOSCOVICI, 2012, p. 32). Ao organizar, traduzir, simbolizar, moldar, reproduzir e socializar esses conhecimentos, a função da representação social, segundo Moscovici, é a de elaborar os comportamentos e a comunicação entre os indivíduos, ou seja, nas palavras do próprio teórico “possuem uma função constitutiva da realidade” (MOSCOVICI, 2012, p.27).

Ao mesmo tempo em que as representações sociais elaboram a comunicação são o produto desta e da interação. Segundo Moscovici (2009): “pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação” (MOSCOVICI, 2009, P.41), e as representações sociais consistem em ser “valores, ideias e práticas” (MOSCOVICI, 1976, apud Duveen, p.21, 2009) que estabelecem um ordenamento do mundo. Ou seja, permitem um maior controle sobre esse e possibilitam a comunicação, no sentido de nomeação e de classificação das coisas, das práticas, etc.

Moscovici (2009; 2012) afirma que as representações sociais (que não existem e não circulam sem a linguagem, a fala e o gesto) são o principal meio através do qual estabelecemos relações com os outros indivíduos, e fazem parte do nosso cotidiano. Elas transformam o não-familiar em familiar, e ao fazerem isso, além da capacidade de circulação desse novo conhecimento, se estabilizam, possuindo assim uma organização e uma estrutura. Em outras palavras, uma vez criadas estas se constituem em uma ambiente real e concreto, adquirem vida própria, ou seja, autonomia, exercendo pressões e aparecendo para nós como realidades inquestionáveis. De acordo com o autor, construímos um hábito, tipificamos o que nos é familiar, e quando isso se torna um “padrão de referência” esse é utilizado como “critério para avaliar o que é incomum, anormal e assim por diante. Ou, em outras palavras, o que é não-familiar” (MOSCOVICI, 2009, p.55).

Moscovici (2009) compreende que as representações nos orientam, classificando, distinguindo e definindo, e salienta que elas não são a realidade, mas a percepção dela. Segundo o autor as representações possuem duas funções: a de

convencionalizar e a de preescrever. A realidade é predeterminada por convenções. Todas as informações que recebemos de uma maneira ou de outra foram distorcidas por representações impostas, o tempo todo estamos expostos às “palavras, ideias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossas mentes quer queiramos quer não” (MOSCOVICI, 2009, p.33). Além disso, Moscovici (2012) afirma que “a representação social é a ‘preparação para a ação’, não só porque guia os comportamentos, mas, sobretudo porque remodela e reconstitui os elementos do ambiente no qual o comportamento deve acontecer” (MOSCOVICI, 2012, p. 46).

Porém, apesar de os indivíduos em suas relações coletivas estarem expostos a essas representações sociais, que se apresentam como realidades quase tangíveis, para o autor eles também são produtores de representações. Os indivíduos possuem uma capacidade criativa e participam do processo de construção das representações sociais que vão fazer parte de sua realidade. Como afirma Moscovici: “as representações sociais são conjuntos dinâmicos” (MOSCOVICI, 2012, p.47).

Em síntese, as representações sociais tornam possível ao indivíduo a determinação de sua conduta e a qualificação dos indivíduos com os quais está se relacionando (Moscovici, 2012, 73). O foco de Moscovici (2012) encontra-se nos conhecimentos sobre a sociedade, o outro, o mundo, etc, que são compartilhados e organizados pelos grupos e pelos indivíduos. Moscovici (2009) sustenta que as investigações sobre representações sociais fazem parte da agenda da psicologia social, esta para ele estuda o sistema cognitivo partindo de dois pressupostos: 1) que “os indivíduos (...) reagem a fenômenos, pessoas e acontecimentos” e 2) que “compreender consiste em processar informações” (MOSCOVICI, 2009, p.30). Por fim, o autor afirma que “as representações sociais nos incitam a nos preocupar ainda mais com as condutas imaginárias e simbólicas na existência comum das coletividades” (MOSCOVICI, 2012, p.75).

A INTERAÇÃO, A COMUNICAÇÃO E O SÍMBOLO.

O ponto principal de aproximação que elencamos entre os autores é o fato de que em suas contribuições teóricas todos se preocuparam em romper com as concepções das correntes explicativas mais individualistas. Ao fazerem a crítica e proporem uma nova forma de considerar a relação indivíduo e sociedade, os autores

a nosso ver se aproximam em termos teóricos e arriscamos até mesmo em dizer que acabam por fazer parte de um mesmo “círculo hermenêutico⁴”. Esta discussão que se dá por parte dos autores com as contribuições individualistas pode explicar as semelhanças que percebemos entre as concepções teóricas dos três intelectuais considerados neste texto (Mead, Strauss e Moscovici).

Tanto a autoconsciência, quanto a identidade, como as representações sociais da maneira que percebemos e compreendemos são produtos das interações sociais. Como afirma Martins (2013), para Mead (1953) a mente humana deve ser interpretada como sendo “o produto de um ativo processo de interação” (MARTINS, 2013, p.11). Para Strauss (1999), é no processo de interação dos indivíduos em seus grupos que a identidade está sendo sempre construída e reconstruída. Para Moscovici (2009) “o conhecimento é produzido através da interação e comunicação (...) é sempre produto de um grupo específico de pessoas engajadas em circunstâncias específicas” (DUVEEN, 2009, p 8). Compreendemos que para os três intelectuais, os indivíduos participantes de diferentes grupos sociais compartilham determinados símbolos, valores, crenças e pautam seus pensamentos e suas ações. Não são meros reprodutores e simplesmente não reagem ao que vem de fora, mas estão em constante interação, indivíduo e sociedade.

Para Strauss (1999) a interação envolve “debates cheios de gente carregados de imagens complexas” (STRAUSS, 1999, p. 84), “é tanto um processo estruturado quanto um processo interpessoal” (STRAUSS, 1999, p.87) e, além disso, possui regras convencionais, “tem convenções para forçar as pessoas a ocupar ou aceitar inúmeras posições, embora temporariamente” (STRAUSS, 1999, p.90). Assim também nos parece que Moscovici (2009) compreende a questão das regras convencionais que vão permitir a interação dos indivíduos, principalmente quando afirma que

Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionantes anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através da linguagem; nós organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas

4 Compreendido em termos do que John Pocock entende por círculo hermenêutico. Para o autor o círculo hermenêutico deve deter-se a uma polifonia de autores, os autores estão em constante diálogo, que não se dá necessariamente no mesmo espaço e tempo. Portanto para ele o que deve ser levado em conta não é um autor em si, mas o discurso que existe entre os autores. O contexto linguístico de Pocock é o contexto discursivo. POCOCK, John. “Introdução: o Estado da Arte”; “O conceito de Linguagem e o Metier d’Historien” e “Virtudes, Direitos e Maneiras”. In. POCOCK, John. *Linguagens do ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2003.

representações, como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções (MOSCOVICI, 2009, p. 35).

Compreendemos que para Mead (1959) a interação também se dá por meio da linguagem estabelecida socialmente. Para o autor é a partir da comunicação que surge o significado que será internalizado pelo o indivíduo e posteriormente ressignificado pelo mesmo, uma ressignificação de si mesmo, do outro e do mundo. As representações sociais de Moscovici também são o produto da comunicação e da interação, que acabam se estabilizando e estabelecendo um ordenamento do mundo, ou seja, permite um maior controle sobre ele e possibilitam a comunicação no sentido de nomeação e de classificação das coisas, das práticas, etc. Não podemos falar em nomeação de coisas e pessoas e não nos lembrar da contribuição teórica de Strauss (1999), para ele quando nomeamos organizamos as nossas ações, a do outro e a dos grupos por onde transitamos.

De acordo com Moscovici (2012), as representações sociais tornam possível ao indivíduo a determinação de sua conduta e a qualificação dos indivíduos com os quais está em relação (MOSCOVICI, 2012, p. 73). Percebemos o mesmo quando Mead (1953) e Strauss (1999) falam em autoconsciência e identidade respectivamente. No processo de comunicação estamos significando e ressignificando a nós mesmos e aos outros, avaliando e reavaliando as ações dos outros e as nossas.

Os três autores admitem que há uma estrutura que perpassa as relações, porém esta estrutura para Mead (1953) é passível de mudança com a emergência do *eu*. Para Strauss (1999) “é moldada pelos atores por meio da interação” (STRAUSS, 1999, p. 27), porém “os humanos moldam seus mundos até certo ponto, mas enfrentando inescapáveis coerções estruturais” (STRAUSS, 1999, p. 27). Para Moscovici (2009) a realidade é predeterminada por convenções, todas as informações que recebemos de uma maneira ou de outra foram distorcidas por representações impostas, no entanto apesar dessa imposição somos capazes através de muito esforço, demonstrando assim a inegável coerção estrutural, de nos tornarmos conscientes de algumas dessas convenções.

Mead (1953) e Strauss (1999) estavam preocupados com “o efeito que o grupo social produz na determinação da experiência e da conduta do membro individual” (MEAD, 1953, p.49), e assim cada qual desenvolve uma teoria da ação,

um focando na autoconsciência e outro na identidade, que se engendram nas interações.

Moscovici (2009) desenvolveu uma teoria psicossocial do conhecimento, e para ele estudar representações é estudar como as pessoas pensam e refletem e não como se comportam. Mead (1953) ao contrário de Moscovici (que estava mais preocupado com o “mundo das ideias”) se preocupava com o comportamento conscientemente assumido pelos indivíduos, aliás, foi a partir dessa concepção que o intelectual propôs, em oposição ao behaviorismo de sua época, um behaviorismo social. No entanto, mesmo sendo sua maior preocupação o pensar dos indivíduos, compreendemos que Moscovici não ignora a ação que as representações geram, pois o autor afirma que as representações são tipos de conhecimento que geram e orientam as práticas daqueles que o compartilham.

Em todos o grupo social tem um papel importante na construção do indivíduo. Mead (1953) explica que “a conduta de um indivíduo somente pode ser compreendida em termos da conduta de todo grupo social do qual é membro”. Segundo Strauss (1999), cada grupo desenvolve sua própria terminologia que é partilhada entre seus membros, e que guiará sua ação. Assim como para Moscovici, que afirma que “cada grupo possui um universo de opinião particular” (MOSCOVICI, 2012, p. 32).

Moscovici ressalta que as representações sociais não são a realidade, mas a percepção dela. Não seriam a autoconsciência de Mead (1953) e a identidade de Strauss (1999) também uma forma de percepção da realidade? Em interação, desenvolvemos nossa autoconsciência e nossa identidade, estamos em constante trabalho de percepção para podermos agir em sociedade, mais do que apenas percepção essas geram ações. Para Moscovici (2012) “a representação social é a ‘preparação para a ação’, não só porque guia os comportamentos, mas, sobretudo porque remodela e reconstitui os elementos do ambiente no qual o comportamento deve acontecer”.

Enfim, para Mead (1953) os “atores possuem consciência e capacidade interpretativa” (MARTINS, 2013, p.11). Nos parece que tanto a autoconsciência, quanto a identidade, como as representações consistem em ser sempre algo que é criado, significado, ressignificado, transmitido dentro de um determinado grupo, e que tem uma estrutura. De acordo com Moscovici, os homens tornam a realidade inteligível, ou seja, esses são capazes de significar suas realidades e não

simplesmente reagem à ela, nos parece que da mesma forma compreendem Mead(1953) e Strauss (1999).

Em síntese, compreendemos que de maneira geral a questão da realidade construída pelo indivíduo está igualmente presente nas contribuições dos três autores. Em resumo, entendemos que tanto para Mead (1953), quanto para Strauss (1999), como para Moscovici (2012) os indivíduos em interação atribuem sentido à realidade, desse modo os três autores repensam as relações existentes entre indivíduo e sociedade. Nas palavras de Moscovici (2000; 2012), os indivíduos possuem uma capacidade criativa, participando do processo de construção das representações sociais, que vão fazer parte de suas realidades. O homem é reflexivo tanto para Mead (1953) como para Strauss (1999) e age conscientemente, não sendo meros reprodutores ou reagentes ao externo. A relação indivíduo e sociedade se dá de uma maneira mais fluída e complexa para os três, é na interação (que possui uma estrutura) que os indivíduos reproduzem, mas também criam, recriam, significam, ressignificam, avaliam, reavaliam seus pensamentos e ações, dessa forma são capazes de mudar a estrutura e construir a realidade com a qual estão em constante relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tínhamos com este artigo o objetivo de articular as ideias de dois autores considerados interacionistas simbólicos e um autor da área da psicologia social considerado o teórico das representações sociais. A escolha por esses autores deveu-se ao fato de que percebemos certos pontos de convergência em suas ideias quando tratavam da relação entre indivíduo e sociedade, mesmo que não estivessem falando do mesmo fenômeno social propriamente dito.

Tendo em vista nosso campo de interesses, buscamos articular neste artigo a teoria das representações sociais com o conhecimento sociológico, mais especificamente aquele produzido pelo interacionismo simbólico. Aproximar a teoria das representações sociais ao interacionismo simbólico, mesmo de forma simples e sem reduzir uma ao outro, é um exercício de pensamento sociológico que poderá se desdobrar em futuras análises mais complexas e que tomem como ponto de inflexão do pensamento objetos empíricos e sua significação.

A trajetória dos intelectuais pode justificar as semelhanças que percebemos. Os três tiveram contato direto com a psicologia social, Mead inclusive foi um psicólogo social cujas contribuições foram incorporadas pela sociologia da Universidade de Chicago e Moscovici (2009) por vezes cita o autor em suas obras. Celso Pereira de Sá (1998), psicólogo social contemporâneo que trabalha com representações sociais, buscando auxiliar os novos pesquisadores que buscam se utilizar de algum modo das contribuições das representações sociais, compreendeu que as representações sociais foram apropriadas de maneiras bastante diferentes por diversas áreas do conhecimento, entre as contribuições cita as da Escola de Chicago, da qual Strauss fez parte. Além disso, os três estão desenvolvendo seus argumentos em oposição aos argumentos dos individualistas, dessa forma, apoiados pela filosofia pragmatista propõem uma nova forma de se analisar a relação indivíduo e sociedade. É desse embate dos autores escolhidos à corrente da época que adjetivamos de polêmica a relação entre indivíduo e sociedade no título desse artigo.

Por fim, não estamos afirmando com este trabalho que existem apenas semelhanças entre os autores, mas escolhemos focar essas por uma questão prática e intencional: poder situar as contribuições de Serge Moscovici e teoria das representações sociais desenvolvida no interior da psicologia social, em um âmbito mais sociológico e assim poder afirmar que as representações sociais podem ser consideradas também categoria de análise sociológica e por vezes configurar como objeto da sociologia.

REFERÊNCIAS

BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism: Perspective and method**. London: Prentice-Hall International, 1969.

DUVEEN, Gerard. O poder das ideias. In: **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

FARR, Robert. Representações sociais: a teoria e sua história. In: **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

MARTINS, Carlos B. **O Legado do Departamento de Sociologia de Chicago (1920 – 1930) na Constituição do Interacionismo Simbólico**. Brasília, 2013.

MEAD, George. **Espiritu, persona y sociedad desde el punto de vista del conductismo social**. Buenos Aires: Paidós, 1953.

MORIS, Charles W. George H. Mead como psicólogo y filósofo social. In. **Espiritu, persona y sociedad desde el punto de vista del conductismo social**. Buenos Aires: Paidós, 1953.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

_____. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SÁ, Celso Pereira de. **A Construção do objeto de Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

STRAUSS, Anselm L. **Espelhos e Máscaras**. São Paulo: Edusp, 1999.

VELHO, Gilberto. Anselm Strauss: Indivíduo e Vida Social. In. **Espelhos e Máscaras**. São Paulo: Edusp, 1999.